

## Entrevistadx 2

Entrevistadora: Quais são os valores que norteiam a nave do conhecimento de nova Brasília?

Entrevistadx: Então, o nosso valor é difundir a tecnologia entre a população mais carente, no caso o complexo do alemão. Então ela se propõe como um centro de tecnologia gratuito. então é o acesso mesmo à tecnologia da informação.

Entrevistadora: Você pode me dizer quais são os valores compartilhados entre os funcionários da nave do conhecimento de Nova Brasília?

Entrevistadx: A pessoa quando se propõe a trabalhar num projeto de tecnologia que atende a população mais carente, ela já tem ali como um valor a humanidade mesmo. A questão do desprendimento. Claro que a gente não está ali como voluntário. Todos nós trabalhamos de CLT, mas a maioria das pessoas que está nos projetos das naves, não só na Nova Brasília, eu acredito que já tenha esse valor internalizado dentro dele. É um valor compartilhado entre a gente a questão da humanidade. A questão também de aprender com o outro também. A gente está lá como uma troca de experiência. Eu aprendo todos os dias com os meus colegas de trabalho. Eu aprendo todos os dias com os usuários e com a comunidade em si.

Entrevistadora: então você chama quem usa a nave do conhecimento de usuário?

Entrevistadx: É. usuário. usuário da nave. Porque está ali para usar a nave constantemente. Muito mais do que um aluno que vai num curso e termina esse curso. O usuário está ali constantemente. Utilizando o espaço, se apropriando dele né. Todo dia.

Entrevistadora: Você pode me contar sobre uma situação real em que esses valores tenham ficado bem claros ou surgido?

Entrevistadx: Ah, tem vários momentos em que a gente se deparou com situações do cotidiano, desde coisas mais simples, até você ajudar uma pessoa que não sabe mexer num computador. Até questões mais desafiadoras como recentemente a gente teve um usuário do CAPS com uma questão de saúde mental e ele entrou em surto ali. ele tava sem medicação por um tempo. Ele convulsionou dentro da nave. Então a equipe toda se prontificou a ajudá-lo né. A gente correu atrás dos familiares dele. Tentamos acionar a ambulância. Então é uma questão de humanidade que vai além da tecnologia. Esse valor ficou bem evidente ali quando todo mundo fez uma força-tarefa para poder ajudar esse rapaz. Fora ele, também me vem à memória uma outra jovem. Rebeca o nome dela. Que apareceu na nave também com umas questões provavelmente de saúde mental. Mas de automutilação. Em que a gente não fez vista grossa pra ela. A gente tentou estender a mão, ajudar, entender o que estava acontecendo. E a gente tentou ajudar da melhor forma possível. Ou seja, esse é um valor que fica muito evidente. Que não é só o trabalho. “Está aqui, toma o computador, toma o equipamento”. Mas a gente se preocupa com o que as pessoas estão acessando ali. Com a questão da humanidade mesmo e de ser uma ponte de ajuda humanitária. Muito mais do que só oferecer o acesso à tecnologia a gente se

preocupa muito com isso. Eu acho que isso é um diferencial muito grande da nave de nova Brasília.

Entrevistadora: Você é de Nova Brasília?

Entrevistadx: Sim. Eu sou moradora do complexo do alemão. Desde criança eu cresci ali na chatuba.

(houve interrupção da entrevista)

Eu sou crescida em comunidade. Na comunidade da chatuba na Penha. Faz parte do complexo do Alemão. O Alemão pega até lá na Penha, só que na minha adolescência, na minha juventude que eu vim de fato morar em Nova Brasília. Então eu sou sim moradora do Complexo do Alemão.

Entrevistadora: Você tem alguma foto que tenha tirado dessas situações de ajuda humanitária ou poderia me mostrar uma imagem qualquer que represente essa situação e esses valores?

Entrevistadx: Então, nessas duas situações que eu mencionei, tanto com o rapaz que convulsionou quando com a Rebeca. Eu até tenho uma imagem, mas a gente não gosta de mostrar justamente por conta da exposição da pessoa. Pra gente não expor o ser humano naquele momento de vulnerabilidade. O menino estava bem debilitado, convulsionou mesmo. Coisa de espumar a boca. Então foi uma situação muito constrangedora. Pesada realmente. E naquele momento a gente fez um registro justamente pra gente se resguardar, se respaldar, mas a gente não divulgou isso em canto nenhum. Nós estávamos falando com a Simone sobre as questões da festa junina né. então as mães dos alunos mandaram bolo, mandaram refrigerante. E a gente fez uma mesinha. E aí a Simone me encaminhou ainda hoje um áudio de um aluno, uma criança. Não sei se vai dar pra você ouvir. Eu vou tentar botar. E o aluno falou assim: essa foi a melhor aula da minha vida. O menino falou, entendeu? Então, assim... É emocionante assim, de fato. E a Simone escreveu pra gente: "isso não tem preço". Deixa eu ver se dá pra você ouvir. [coloca o audio. Menino fala: "Essa foi a melhor aula que eu já tive na vida"].

Entrevistadora: Ai, que bonitinho!

Entrevistadx: Deu pra ouvir?

Entrevistadora: Deu sim. É emocionante mesmo.

Entrevistadx: Então, assim...

Entrevistadora: A carinha deles. Eu vi a foto. O rostinho da menina. Eu falei pra ela. Eu me identifico muito, porque as minhas professoras também. Na faculdade. Na pós-graduação agora. Eas fizeram isso comigo também, porque eu tive uma questão bastante complicada com situações de trabalho e tudo e eu cheguei lá realmente precisando de um apoio forte. E aí... a carinha de agradecimento, de gratidão da menina... você deve estar com a foto aí... tem outras fotos que eu vi de outras pessoas em situações de pesquisa, de

congressos, com essa carinha aí, que diz tipo assim: “muito obrigada por eu estar aqui. Eu estou me sentindo muito especial”.

Entrevistadx: Eu acho que só esse áudio dessa criança eu acho que responde toda essa questão que eu estou falando, de você ir além. Porque não é só ir ali e ensinar “aperta esse botão, faz assim, conecta aqui”. Não é só isso. Tem uma questão humana, de acolhimento muito forte e que fica todo o dia muito evidente quando a gente tem o retorno, entendeu?

Entrevistadora: Como os valores que você identificou na sua interação com a comunidade afetam o planejamento e a execução das suas atividades na nave?

Entrevistadx: Afeta de forma positiva sempre né. A gente vê que esse é o caminho. A gente entende que está no caminho certo. Que está fazendo da forma certa por conta desses retornos que a gente tem. Então é só a gente continuar reforçando que esse é o caminho, que não pode ser uma coisa engessada, que tem que ter a questão da humanidade, que tem que ter a questão do acolhimento. Porque são pessoas que já vivem numa comunidade muito carente, que às vezes não têm esse acolhimento dentro de casa, que não encontrou esse acolhimento dentro da escola, mas que vai encontrar esse acolhimento dentro da Nave. Então esse retorno que a gente tem, a gente identifica que está no caminho certo, e é por aí mesmo.

Entrevistadora: Vocês já tiveram que mudar alguma estratégia de trabalho por conta de uma situação dessas?

Entrevistadx: Não, a gente nunca teve que mudar não. De fato nunca aconteceu de a gente ter que mudar a rota no caminho. Geralmente o que a gente se propõe a fazer, a gente dá um jeito e acontece.

Entrevistadora: Como as suas decisões no seu trabalho dependem dos valores que você identificou?

Entrevistadx: As decisões? É uma questão de estar muito internalizado dentro de mim mesmo, né. A [omitido] como pessoa, eu já sou assim mesmo. Ninguém me deu uma cartilha quando eu comecei a trabalhar lá que deveria ser dessa forma. É isso que eu tô falando. É um valor que já está dentro de mim. Já tá na maioria das pessoas que está ali. Então impacta nas nossas decisões do dia a dia, de querer ir além, de querer olhar pro outro, de querer. E o que eu sempre falo é sobre tratar o outro da forma como gostaríamos de ser tratados. Eu levo isso para o acolhimento para equipe, enquanto gestora. Eu sempre penso assim: como eu gostaria de ser tratada no ambiente, como eu gostaria de ser recebida no ambiente. eu gosto de me colocar no lugar do outro, porque eu já cheguei em lugares em que você é mal recebido, ninguém quer te ajudar. As pessoas têm medo de te dar informação às vezes. Parece né. “Não vou compartilhar não, porque se ela aprender isso aqui...”. Eu aprendi... por exemplo, o outro gestor que estava antes de mim [anonimizado] .. ele gostava muito de compartilhar. .. “Ah, amanhã ou depois eu não vou estar aqui, então vocês precisam saber como fazer, como proceder”. E eu compartilho desse mesmo pensamento. eu sempre me coloco no lugar do outro, porque eu já tive experiências ruins ao longo da minha vida e eu penso “eu não vou ser esse tipo de pessoa”. então como esse valor está internalizado em mim, na minha pessoa, na minha

personalidade... é uma coisa que flui, que acontece. Que é natural pra mim. Mas eu sei que não é natural para muitas pessoas.

Entrevistadora: Mas você acha que isso é uma coisa que você aprendeu na própria comunidade, no próprio território? É uma coisa que o pessoal do Complexo também carrega ou é uma coisa sua, [omitido], da sua família? Entendeu?

Entrevistadx: Eu acho que é uma questão muito de criação também né. É mais uma questão de criação mais do que do lugar em que você está. Porque não é porque é uma comunidade carente que todo mundo ali é solidário. Tem pessoas ruins e boas em todos os lugares. Mas é uma questão de criação mesmo. A minha mãe aprendeu dessa forma com a mãe dela e passou pras filhas. E é esse valor que eu quero passar pro meu filho. Então é uma questão realmente de família. De base familiar.

Entrevistadora: Bacana você falar isso, porque o que vai determinar a possibilidade de inclusão ou não são esses valores.

Pra você, com que objetivo as Naves do Conhecimento foram feitas?

Entrevistadx: A nossa nave de Nova Brasília, particularmente, é a primeira nave que foi construída. Ela foi construída ali como Praça do Conhecimento. Ela foi construída no sentido da prefeitura, da secretaria municipal de habitação na época, criar uma praça mesmo de convívio, dentro da comunidade. Construíram o cinema, construíram a nossa praça e construíram uma creche de frente. Então tornou aquele polo ali uma praça do conhecimento. Essa era a ideia inicial. E aí depois ela migrou para a secretaria de ciência e tecnologia e começou esses projetos das naves do conhecimento e uma nave em cada bairro, digamos assim. Atualmente nós temos umas nove, estamos indo para umas dez naves em outros bairros do Rio de Janeiro. Mas a nossa foi uma das primeiras, né. e ela veio com essa intenção mesmo. De difundir o conhecimento e de compartilhar ali naquele espaço antes chamado de praça. E compartilhar entre as pessoas. Circular ali cultura, talvez arte, educação. Essa era a proposta inicial.

Entrevistadora: O que você acha que pode ser melhorado para que as Naves do Conhecimento efetivamente cumpram o seu objetivo?

Entrevistadx: O objetivo é difundir o conhecimento. Eu acho que a gente precisa... talvez a gente enquanto nave, a secretaria, estar com esse olhar de sempre trazer inovação mesmo. Eu sempre falo que a tecnologia é uma coisa que muda o tempo todo. Cada vez mais ela está mudando com uma velocidade muito rápida. O que você aprendeu no mês passado, às vezes esse mês já não tá valendo mais. Houve sempre uma atualização... alguma coisa. Então eu acho que o desafio é se manter atualizada. É manter investimento pra isso. Tem que ter investimento em equipamentos melhores. E não achar que, por ela estar dentro de uma comunidade, que do jeito que está está bom. Não. Ela precisa realmente melhorar. Precisa de investimento, de equipamentos melhores, uma estrutura melhor... A gente tem buscado isso, mas é um desafio também. Porque não depende só da gente. Tem a questão de poder público, que é uma coisa muito maior.

Entrevistadora: Quais são as atividades da Nave do Conhecimento que possuem maior procura/engajamento do público visitante?

Entrevistadx: Eu acho que as que possuem mais procura são os cursos de iniciação mesmo. Os cursos de base. A pessoa precisa de uma base pra ela ir avançando na questão tecnológica. então os cursos de iniciação digital mesmo, que é a Informática Básica, às vezes um pacote de dados ali, o word, excel né, powerpoint, são o básico até para o mercado de trabalho. E dali a pessoa vai galgando outras coisas, mas os cursos de base, de entrada mesmo é Iniciação Digital e Informática básica, onde a pessoa começa ali bem do nível mais raso né.

Entrevistadora: Quais são as atividades que são mais constantes na Nave?

Entrevistadx: Informática básica. Os cursos de iniciação sempre têm. Fecha uma turma e daqui a pouco está abrindo outra, porque tem uma demanda né. Procura. Eu costumo falar também que o complexo do Alemão é enorme. A gente ainda não alcançou o complexo do alemão inteiro, então tem sempre gente nova chegando. De dentro do território mesmo. Então a gente sempre tem informática básica, sempre tem um curso de excel. Sempre tem um curso de fotografia também, que agora é uma demanda muito grande né. Cursos relacionados às redes sociais que é um boom a gente sempre tem.

Entrevistadora: Quais cursos são procurados de forma mais contínua pelo público?

Entrevistadx: Com certeza é o curso de fotografia. É um curso muito procurado por um público muito diversificado. E o curso de informática básica.

Entrevistadora: Quais são as atividades que já ocorreram na Nave que você percebeu que tiveram mais a ver com as potencialidades e cultura da comunidade de Nova Brasília?

Entrevistadx: O curso de fotografia. eu falo que é um carro chefe também né. Tem sempre uma procura muito grande, uma demanda muito grande também. Então é um curso que a gente sempre tem. E a comunidade gosta muito. Então a gente sempre tem que ter. Fotografia e informática básica. Esses dois aí são os principais.

Entrevistadora: Quais os tipos de atividade que você gostaria ou sente que falta que haja na Nave?

Entrevistadx: Que não tem ainda? Não tem até por uma questão de território mesmo, uma questão de não poder. Por exemplo, curso de drone. O drone é uma demanda que existe hoje no mercado. Uma inovação, uma novidade. Tem mercado pra isso agora. Pessoas que sabem manusear o drone. Só que a gente não pode fazer na Nave. Aí é uma questão do território mesmo que é bem ... tem que ter uma série de autorizações. A gente tentou abrir uma turma, mas não rolou. Aí a gente pensou em fazer ali dentro da nave, mas não é a mesma coisa. Entendeu? E aí acabou indo só para a nave do engenheiro. Na nave do engenheiro, ok. Na Penha também eu acho que tem. mas Nova Brasília a gente não pode. Então tem essas limitações. De a gente ter público, querer fazer, mas não poder fazer. Então é um outro desafio também.

Entrevistadora: Pra você o que é dado?

Entrevistadx: Um conjunto de informações, que talvez justifique alguma coisa, entendeu? Ou um conjunto de informações que talvez vá dar sentido a alguma coisa, talvez. Não sei se é a definição próxima ou perto. Mas é isso.

Entrevistadora: Não se preocupa, que tem várias definições.

Pra você o que é informação?

Entrevistadx: Informação é aquilo que a gente constrói no dia a dia e que se torna verídica ou não, mas a gente vai passando de um para o outro, né. É difícil definir o que é informação. É aquilo que a gente vai construindo no nosso cotidiano e que ela se difunde. A informação ela se difunde.

Entrevistadora: Pra você o que literacia de dados?

Entrevistadx: Ihhh, agora você me pegou.

Entrevistadora: É a minha área de pesquisa

Entrevistadx: Talvez seja isso. É colher informações pra você chega a um consenso talvez. Não sei né. Tô conjecturando aqui. Imaginando né. É uma coleta de dados, de informações né. A partir das vivências das pessoas. Pra você construir... justificar determinada coisa.

Entrevistadora: E se eu falar que o nome ao invés de ser literacia de dados é alfabetização em dados?

Entrevistadx: Alfabetização?

Entrevistadora: como é que você define agora?

Entrevistadx: Alfabetização. Parece que é uma coisa mais de iniciação. você está iniciando a pessoa realmente o beabá. Talvez seja a base da construção de algo maior ... você está introduzindo a pessoa pra construir algo maior. Pode ser isso.

Entrevistadora: Na área de dados

Entrevistadx: Na área de dados

Entrevistadora: Quais foram ou têm sido as atividades realizadas na Nave do Conhecimento de Nova Brasília sobre dados? Que você reconhece como sendo atividades na área de dados.

Entrevistadx: De certa forma acho que tudo o que a gente faz é isso né. Porque é um compartilhamento de informações. A questão da informação está ligada a questão de dados é o que a gente está passando ali. É uma troca de informações o tempo todo. Em todos os

curso de alguma forma isso está sendo compartilhado. Não sei se tem algum curso específico, mas talvez seja todos de alguma maneira.

Entrevistadora: como você pensa que os usuários da Nave são afetados pela falta de conhecimento e visão crítica sobre dados?

Entrevistadx: É difícil saber, porque talvez eles não saibam né. Assim como eu né. Não saiba exatamente o que é. Talvez eles nem saibam que são afetados de alguma forma por isso, né. Não sei. Talvez a falta de informação. Não sei definir muito bem essa questão.

Entrevistadora: E quais são as ideias/sugestões/conselhos que você poderia me dar com respeito a criação de oficinas para ensinar sobre literacia de dados, levando em conta que a literacia de dados é a alfabetização em dados, ou seja, os primeiros passos para aprender a lidar com dados de forma responsável e crítica?

Entrevistadx: Um conselho que eu dou pra iniciar essa questão? Como a gente tem um público muito... como é que eu vou dizer... muito limitado na questão do conhecimento. Até na questão da tecnologia. Às vezes até na questão de estudo mesmo. A gente até estava falando sobre isso hoje. Tem muito jovem que chega na nave que quando chega na frente do computador não sabe o que fazer. Não sabe o que é um word. Não sabe o que é um excel. Mal sabe navegar na internet no computador. Às vezes está muito na rede social, só num tiktok da vida, num whatsapp da vida e é isso. Então, as pessoas têm um conhecimento muito limitado. Elas não têm essa vivência de máquina, de computador né. Então assim, é um desafio pra elas já estarem ali aprendendo alguma coisa. E aí ... enfim... tem que trazer primeiro essa introdução tecnológica pra depois poder avançar pra algo maior nessa questão de dados, que é uma linguagem que pra mim ainda soa diferente, né, porque não é o meu universo, não é a minha vivência. Pra eles então que têm dificuldade com esse letramento digital, acho que aí soaria bem mais estranho. Parece que é algo muito distante do conhecimento deles. Então, acho que é construir uma base mesmo ali. Que é o que a gente já está fazendo de certa forma, e ir avançando em outras linguagens, porque é realmente coisa que muitos nem ouviram falar. Não sabem nem que isso existe né. E às vezes o nome assusta a pessoa.

Entrevistadora: Uma coisa que a gente está tentando... com aquelas atividades desplugadas né. É uma tentativa nesse sentido, porque a gente tira os dados sem a dificuldade de usar a ferramenta. Não é tirar a tecnologia. É tirar a ferramenta, porque a ferramenta às vezes é um impecílio pra ele aprender. A gente tira e depois a ideia é introduzir a ferramenta gradualmente pra poder os conhecimentos começarem a casar e a gente começar a ensinar usando as ferramentas.